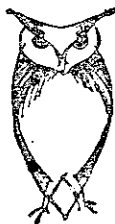


pelo pensamento ocidental e secular. Poder-se-ia mesmo encontrar na persistência das propensões messiânicas, dentro de nações já agora independentes, pontos de comparação interessantes com os últimos estertores do sebastianismo no Brasil. O matsuismo, por exemplo, do Congo ex-francês é tão oposto à república leiga dos negros políticos como o sebastianismo o foi à república brasileira. O messianismo, de fator dinâmico de evolução, tornou-se movimento retrógrado e imobilizado num sonho irrealizável. O negro africano que espera a salvação da vinda do Messias — Dom Sebastião negro — descendo do céu de avião, helicóptero ou mais recentemente em disco voador, e que se recusa a pagar os seus impostos ou a deixar-se recensear pelo governo legal, cria um problema análogo ao de Canudos e corre o risco de ter as mesmas conclusões sangrentas.

Voltemos, porém, à América. Não restará hoje mais nada do sonho milenar mesmo nestas cidades de arranha-céus, nestas metrópoles gigantes, rodeadas de usinas modernas? Nessa idéia renovada por todas as guerras, de que a Europa entrou em decadência, de que o futuro pertence à América, de que o Novo Mundo vai agora tomar o lugar do Antigo, não haverá alguns restos das crenças que analisamos neste ensaio? E lembro-me de ter lido durante a última guerra — o que nos aproxima ainda mais dos dominicanos do Peru —, em certos jornais de São Paulo, que a invasão alemã da Itália devia acarretar a partida do Papa para a América e a sua fixação definitiva no Rio, que assim se tornaria nova Roma da cristandade universal. Assim vão as idéias, nunca morrem completamente, mas retornam, com um colorido diferente, quando circunstâncias favoráveis à sua sobrevivência se apresentam. Existem mais mitos no nosso mundo civilizado do que o julga o comum dos mortais.

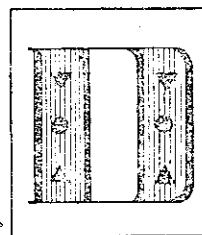
ROGER BASTIDE



RAYMOND CARON

CEDI - P. I. B.
DATA 11, 06, 86
COD KK 002

DEZ DIAS ENTRE OS KUBEN KRAN KEN
(HOMENS DE CABEÇA RASPADA)



OMINGO, 28 de janeiro, às 9h10, o "Beechcraft" ou "Bete" da FAB, com destino a Conceição do Araguaia, procedente de Belém, pousou em Marabá. Uma religiosa dominicana desceu: vinha passar uma semana com a mãe, antes de voltar ao seu convento, em Conceição. Feliz coincidência: ocupei imediatamente o lugar vago.

As 10 horas, o avião decolou e dirigiu-se para Carolina, onde devíamos reabastecer-nos de gasolina, que já escasseava, sobretudo em Conceição, onde a reserva estava quase esgotada. Com efeito, naquele ano, a estação das chuvas atrasara cerca de um mês e os barcos a motor, que traziam de Belém os preciosos tambores, não haviam conseguido transpor a tempo os rápidos, a jusante de Marabá.

Cheguei, pois, a esta cidade no começo da tarde e atravessei pela primeira vez a soleira do pequeno convento, sede da nossa missão dominicana do Araguaia.

Eu tinha a intenção de aqui permanecer uns dez dias, aguardando a vinda de Krokrenum, a quem eu mandara avisar por Jaime. Em seguida, devíamos partir juntos para São Paulo, na primeira ocasião.

O "Bete" que me conduzia devia descer, como de costume, até Tapirapés, aldeia situada ao sul, na ilha do Bananal. Lá viviam o padre Francisco, da diocese de Versalhes, e diversas irmãs de caridade do Pe. de Foucauld, também francesas, no meio dos derradeiros índios Tapirapés.

Mas o que eu ainda ignorava era que o "Bete" servia igualmente mais duas tribos indígenas, a oeste de Conceição,

em direção ao Xingu: os Gorotirés e os Kuben Kran Ken. Essas tribos pertenciam à família Kaiapô e falavam o mesmo dialeto. Os Gorotirés estavam instalados nas margens do rio Frêsko. Era uma aglomeração regular, formada não só de índios, mas ainda de serianejos que lá viviam com suas famílias.

Mais ao oeste, no Riozinho, afluente do Xingu, vivem os Kuben Kran Ken, também conhecidos por "Homens de cabeça rapada". Essa tribo, pacificada há muito tempo, está bem protegida contra os contactos corruptores dos caboclos, devido à sua localização em plena selva amazônica.

É, na verdade, difícil o acesso até lá, não havendo outros contactos senão os proporcionados pelas visitas dos aviões da FAB, desde 1952. De modo que esses índios conservaram o seu gênero de vida primitiva, suas artes e tradições. Eles mesmos se intitulam "Homens de cabeça raspada", pois um de seus costumes consiste exatamente em raspar as sobrancelhas, bem como um largo triângulo, cujo ápice se situa no centro do crânio e cujos lados chegam às têmporas. Homens, mulheres e crianças, atualmente em número de 360, trazem esse sinal distintivo da tribo.

Frei Tomás Balduino, Superior da Missão, tinha justamente reservado um lugar no aviãozinho, que fazia uma parada de meia hora entre os Kuben Kran Ken, e eu desejava ardentemente acompanhá-lo.

Mas, como já era tarde, a viagem ficou para o dia seguinte. O avião partiu, a fim de se abastecer de combustível em Pôrto Nacional, onde deveria passar a noite e dali seguir para a aldeia Tapirapé, segunda de manhã.

Na segunda-feira, dia 29, às 10 horas, ele já estava de volta a Conceição trazendo o Padre Francisco, de partida para Belém, onde devia encontrar o coronel Camarão e Frei Protázio O. M. Eu não era o único a solicitar um lugar naquela manhã; várias pessoas já estavam à espera, entre as quais um grande caboclo, de barba e espingarda, que se dirigia ao rio Tapajós por vários meses. Tomei-o por um dos muitos garimpeiros atraídos para a região pela descoberta recente de uma importante jazida.

Chegado o momento de subir a bordo, não havia lugar para mim. O meu garimpeiro, que já se esgueirara para dentro da cabina, teve de descer. A viagem estava, portanto, adiada. Era preciso esperar o próximo "Bete", que devia

passar sábado, 3 de fevereiro, e provavelmente trazer Krokrenum.

Mas naquele dia o avião não veio.

Em compensação, domingo, dia 4, o "Douglas" do Rio, com destino a Caiena, chegou. Oh surpresa! trazia as minhas bagagens. Apanhei-as a caminho, a fim de tirar alguns objetos pessoais. Enchi duas caixas com os remédios e os cartuchos; partiram dois dias depois para Marabá pelo "Catalina", grande avião militar que veio abastecer-nos de combustível.

O "Douglas" devia passar novamente na quarta-feira seguinte e, sem dúvida, apanharia Krokrenum em Marabá. Se houvesse um lugar para mim, partiríamos para São Paulo pelo mesmo avião.

Quarta-feira, de madrugada, transportei as minhas bagagens para o aeroporto, mas soube mais tarde que o avião mal acabara de deixar Caiena e só passaria no dia seguinte. Eu estava habituado a esses contratempos e sabia já que é preciso preparar tudo dia a dia, como se tudo estivesse certo, mas sem jamais saber se a partida seria possível.

Quinta-feira, dia 8, me dirigi de novo ao campo de pouso. O DC-3 continuava em Belém e não se sabia se chegaria naquele mesmo dia; era preciso esperar. Esperei, pois, e pela manhã a notícia espalhou-se: o avião acabava de deixar Belém e passaria cerca das 2 horas da tarde.

Chegou às 14h30. Quando os passageiros começaram a descer, fiquei à espera de Krokrenum, mas em seu lugar avistei Frei Gil! Krokrenum não fôra prevenido ou não pudera vir; quanto a Frei Gil, retornara finalmente de Belém e estava a caminho de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, onde tinha a intenção de permanecer até o fim de março.

Comuniquei-lhe como lamentava não ter podido visitar, em sua companhia, os Mudjetirés e os Chikris, como havíamos projetado. "Justamente, disse ele, o Padre Francisco, que encontrou em Belém o Coronel Camarão, acaba de chegar a Marabá e está organizando uma expedição à aldeia dos Chikris com Frei Protázio, o célebre etnólogo franciscano de Belém; partirão quarta-feira próxima."

Era uma sorte. Eu já não tinha pressa de voltar para São Paulo, visto que Krokrenum não viera e que as minhas bagagens haviam finalmente chegado. Ainda era tempo de

unir-me a elas. Uma viagem à aldeia dos Chikris representava uma despesa considerável. Era preciso contar com mais de 5.000 cruzeiros para o aluguel do barco-motor e do piloto durante duas semanas, além de 10.000 para gasolina, sem contar a alimentação. Mas o financiamento da expedição não devia constituir dificuldade séria para o Irmão Protázio, que recebia subsídios para os seus trabalhos de etnólogo. A minha contribuição pecuniária seria, sem dúvida, muito modesta, mas eu levava medicamentos, cartuchos e uma espingarda para os Chikris, bem como provisões de viagem. “É que, acrescentou Frei Gil, já dei a espingarda aos Mudjetirés! Mas não seja essa a dúvida, vou arranjar-lhe outra aqui.” Assim se fez. Restava apenas esperar o próximo “Bete” que, de volta, me deixaria em Marabá. A sorte, por fim, me favorecia: eram favas contadas.

Sábado, dia 10, às 10 horas, o “Bete” chegou, e solicitei logo um lugar para Marabá, na volta. “Não vai ser possível, disse-me o major Drummond; todos os lugares estão tomados. Temos de levar ao hospital de Belém dois doentes Tapi-rapés e transportar dois cartógrafos, um capitão e um sargento.” Era um duro golpe. Não havia outro meio de chegar a Marabá antes de quarta-feira.

Mas o major Drummond era o homem mais prestável do mundo: “Nada está perdido, continuou, vou mandar uma mensagem pelo rádio a Belém e pedir autorização para fazer duas viagens a Marabá.” Melhor não se podia fazer. Eu me inscrevera havia duas semanas para a viagem dos Gorotidés e dos Kuben Kran Ken.

Não passava de uma ida e volta, mas talvez eu tivesse tempo de tirar algumas fotos. Desta vez, o meu lugar estava reservado; porém, o avião devia, primeiro, transportar umas bagagens do SPI a Las Cazas, e nós partiríamos somente depois do almoço.

Às 12h30 tomei assento no avião, ao lado do “Garimpeiro”. Ele aguardara pacientemente todos os dias a chegada de um avião problemático; a sua perseverança era por fim recompensada. Desta vez a partida era certa. Às 12h35, o avião decolou e dirigiu-se para Las Cazas, onde devia apanhar passageiros com destino à aldeia Gorotiré. Ante os nossos olhos desfilou a floresta monótona, até às primeiras ondulações que abrigavam Las Cazas. Lá chegamos às 12h55.

Um môleo e uma senhora subiram e o “Bete” desceu quase verticalmente, azimute 270, sobre a aldeia dos Gorotirés.

Às 13h30, o avião sobrevoou uma região montanhosa. Grossas nuvens galgavam os cumes e arrastavam o seu ventre úmido por sobre a selva. A chuva açoitou as vidraças e o aparelho entrou na neblina. A agulha do compasso da bússola retrocedeu no quadrante até o sul, depois, na meia hora seguinte, pôs-se a oscilar entre o sul e o norte, passando pelo leste. O avião inclinava-se e girava sobre a asa por cima de um circo de montanhas. Afinal, tivemos de reconhecer que estávamos perdidos. Só nos restava uma coisa a fazer: voltar a Conceição de Araguaia. O avião tocou a pista às 14h45. Quando descemos, olhei maliciosamente para o meu “Garimpeiro”: “Então, perguntei, a partida fica para amanhã?”. “Se Deus quiser”, respondeu ele.

Tínhamos encontro no aeroporto às 6h30, domingo de manhã. Mas na tarde de sábado chegou uma contra-ordem. O “Bete” iria primeiro à aldeia Tapirapé e só partiria para a dos Gorotirés por volta das 11 horas.

Naquele domingo, o tempo estava chuvoso e o avião não pôde partir antes das 9 para os Tapi-rapés. Cheguei ao aeroporto cerca das 8 da manhã. O major Drummond acabava de receber uma mensagem de Belém pelo rádio: estava autorizado a fazer duas viagens a Marabá, com a condição de não atrasar o retorno do “Bete”, urgentemente reclamado em Belém na data fixada. Ai de nós! o avião já estava atrasado com os contratemplos surgidos na véspera. Era-me, pois, impossível chegar em Marabá a tempo de participar da expedição à aldeia dos Chikris.

Mas eu tinha um recurso: descer de mala e cuia entre os Kuben Kran Ken e lá ficar uma ou duas semanas, aguardando que um próximo “Bete” viesse me buscar. Felizmente, eu guardara as minhas provisões de viagem e a espingarda comprada por Frei Gil. Arrumei uma dúzia de cartuchos e me pus alegremente a preparar a minha bagagem.

De manhã correu o boato de que uma nova mensagem pelo rádio acabava de chegar de Belém e que o avião permaneceria mais alguns dias ali. A viagem a Marabá e aos Chikris voltava a ser possível. À medida em que me chegavam os informes eu modificava a composição da minha bagagem. Mas a notícia não foi confirmada. Finalmente, fui ao aeroporto, no começo da tarde, sem saber ainda se ia partir para a aldeia dos Kuben Kran Ken ou para Marabá.

Quando o "Bete" regressou da aldeia Tapirapé, o major Drummond me confirmou que lhe era impossível levar-me a Marabá, mas que podia deixar-me no "Pôsto indígena Nilo Peganha", aldeia dos Kuben Kran Ken.

A sorte estava lançada e senti o arripio da aventura percorrer-me a espinha. Ignorava tudo sobre êsses índios e a acolhida que me reservariam.

Encontrei-me de nôvo na carlinga com o "Garimpeiro" e um índio Gorotidé que retornava à sua aldeia. A espingarda novinha que eu levava impressionou: eu jamais caçara, mas estava resolvido a estreá-la num alvo qualquer.

Chegara a hora da partida.

14 horas: O avião entra na pista. Sucessivamente, cada motor se põe em movimento e atinge o grau de velocidade exigida.

14h5: O avião corre e decola "Cap 300".

Atrás de nós, o Araguaia foge para o horizonte.

14h30: Eis Las Cazas, no meio de suas colinas verdes. Pousamos na pista curta e recebemos dois passageiros, com destino aos Gorotidés.

14h37: O "Bete" vôa e se dirige para a aldeia Gorotidé: 270.

15h10: Sobrevoamos o rio Frêsko e avistamos a pequena aglomeração perdida na verdura. Um movimento da asa e resvalamos sobre a pista gramada, enquanto um grupo de índios se aproxima. Aperto a mão do "Garimpeiro": é daquele ponto que êle deve partir de canoa.

Mais eis os novos passageiros avançando no meio de uma escolta de mulheres e crianças. São uma índia e três rapazes que voltam à aldeia dos Kuben Kran Ken. Subitamente, um concôrto de guinchos agudos estoura enquanto a índia se aco-cora na cobina no meio dos seus cestos de farinha de mandioca. Traja um leve vestido vermelho de pintas brancas, que recobre apenas em parte as suas coxas tatuadas com jenipapo. Três cachorrinhos, que também viajam, saltam por sua vez no meio das bagagens; os clamores recomeçam com maior ardor: é o adeus choroso dos Gorotidés à sua irmã vermelha.

As 15h25, as hélices entram em ação; o avião eleva-se e toma a direção do Xingu, "Cap 250". Um cachorrinho nôvo, que nunca viajara, cai sobre um cesto de mandioca, de pernas abertas, focinho fremente e olhos esbugalhados. Ah, cachorrinho, se você pudesse falar!

Consulto o meu relógio: estamos voando há cêrca de meia hora. O major Drummond, que escruta o horizonte, vira de súbito a cabeça para mim, sorrindo, e me faz um sinal. Olho por minha vez. Pequena, limpa, arrumada, bem em ordem, a aldeia dos Kuben Kran Ken estende-se à minha frente.

Voamos em redor da aldeia para tomar a pista e às 16 horas em ponto o "Bete" rola sobre a grama e se detém diante das primeiras casas.

De todos os lados, os índios acorrem e logo a aldeia tôda se reúne em tôrno do avião. Os homens trazem lanças e pacotes de flechas, que esperam trocar por cartuchos, açúcar e sal; as mulheres carregam seus bebês sobre a anca e aproximam-se, curiosas e tímidas. As crianças, de cabeça semicalva, parecem velhinhos e se metem por tôda a parte: multidão formigante e pitoresca, em que se mesclam os corpos nus, pintados de vermelho e preto.

Eis-me em terra, de Contaflex em punho, para tirar a fotografia da chegada, provocando imediatamente uma debandada e uma fuga veloz, sobretudo das mulheres e crianças. De imediato, esbarro na principal dificuldade que terci de transpor: o mêdo instintivo que têm os índios da máquina fotográfica. As mães, sobretudo, recusarão obstinadamente deixar fotografar os seus nenês, convencidas de que êles morreriam.

Será preciso uma grande dose de paciência, diplomacia e presentinhos para vencer essa repugnância, aceitando o papel de importuno e indelicado aos olhos delas. A reportagem também tem seus espinhos.

Um homem de camisa e calça, chapéu e sapatos, adianta-se para mim e para os oficiais, que, por sua vez, desceram do avião. É José Inácio Caiapô. Nasceu na tribo, mas desde a idade de 12 anos (em 1952) acompanhou funcionários do SPI em suas missões de pacificação das tribos ainda selvagens. Viveu em Conceição, no meio dos caboclos, e fala correntemente o português. Chegou mesmo a aprender a ler e a escrever durante uma estada de algumas semanas em São Paulo, e foi encarregado pelo SPI de guiar a sua tribo pelos caminhos da civilização. Recentemente, José casou com uma jovem índia da tribo, Nioiti, que já teve dois filhos de outro homem. Infelizmente, José perdeu tôda a sua graça indígena; está imbuído da mentalidade do SPI e o seu maior desejo seria transformar os seus índios em caboclos.

Em nome da tribo, êle oferece um presente a cada um dos oficiais. Porém, êles estão com pressa de partir. Aperto a mão do major Drummond: "Até a semana que vem ou a próxima!" "Está certo, diz êle, virei buscar o senhor."

As crianças são afastadas e as hélices recomeçam a girar. O avião dá meia volta. Decola, vira e desaparece. Consulto o meu relógio: 16h15. As pontes que me ligavam à civilização estão cortadas. Durante uma ou duas semanas sou prisioneiro da selva amazônica e desta tribo indígena. Assim o desejei, e sinto-me feliz.

O lugar é muito bonito. A aldeia está situada no centro de um planalto, entre dois vales. Ao sul acha-se a pista de aterrissagem; o solo é arenoso e recoberto de um mato duro, do tipo carex. Bastou cavar um fosso de cada lado para o escoamento das águas da chuva. Em qualquer época do ano os aviões podem pousar.

Ao norte, o planalto estende-se ao longe, até à confluência dos dois rios. O mato está salpicado de orquídeas, mas por tôda parte a rocha aflora e os pequenos arbustos que brotam entre as pedras dão à paisagem um ar vago de "garrigue".

Ao oeste, corre o Riozinho, bastante largo, cortado por várias quedas, cujo ruído longínquo se ouve.

Ao leste, a água clara de uma pequena torrente salta pelos rochedos. Os índios vão lá buscar água e tomar banho.

Por todos os lados, a selva se perfila no horizonte.

As cabanas alinham-se em duas filas, na direção norte-sul, com uma larga praça central, bem plana e bem limpa.

Na extremidade norte, encontra-se uma casa de muros de taipa, recobertos de cal e com um teto de fôlha de Flandres. Foi construída para dois missionários austríacos que viveram algum tempo aqui, há alguns anos; atualmente, está em mau estado. A fachada principal e a porta de entrada estão orientadas para o norte. Entra-se numa grande sala que devia servir de capela; vêem-se ainda os restos do que foi o altar, com uma estátua da Virgem. À direita, está suspenso um sino. A parte sul acha-se dividida em duas peças que serviam provavelmente de cozinha e dormitório. Provisoriamente, estão ocupadas por duas famílias índias.

Foi para lá que José mandou levar as minhas bagagens e que me conduziu, escoltado por uma multidão de curiosos. De novo respirei o penetrante cheiro indígena: odor de urucu

e de jenipapo dos corpos; de cêra e resina dos arcos e flechas; de fumaça e farinha de mandioca das cabanas.

A minha rêde foi suspensa à trave central e as minhas bagagens depositadas sôbre duas mesas mancas, uma das quais me servirá de altar.

A sala comunicava-se por uma porta lateral com uma das peças de trás, ocupada por um capitão e a sua família. O capitão fêz cara feia. Trajava um par de calças e uma malha listada de mangas curtas. Cabeça comprida, tez biliosa, boca amarga, olhos desconfiados, era antipático à primeira vista. Herdara o cargo do seu pai de criação, mas não exercia nenhuma autoridade real. Era preciso usar de diplomacia para conquistá-lo. Parecia decidido a aproveitar-se ao máximo da situação e ofereceu-me um cocar de penas de arara em troca do qual esperava algum presente de valor. Deilhe imediatamente um magnífico colar, que não teve a sorte de lhe agradar. Sem me consultar, vasculhou as milhas bagagens e conseguiu descobrir os cartuchos. Apoderou-se de quatro e pareceu momentaneamente satisfeito.

Quando me instalei, observei calmamente os meus novos companheiros.

Primeiro, os *homens*. No dialeto da tribo, "homem", no sentido de macho, diz-se "memôu", termo que designa também o membro viril. Os homens usam normalmente cabelos compridos caídos sôbre os ombros, mas atualmente um bom número dêles cortam os cabelos pelo pescoço. Raspam as sobrancelhas e a parte anterior do crânio até o cocoruto da cabeça. Essa raspagem chama-se "i-ocorá". Na primeira infância, furaram-lhes a cartilagem da orelha e alguns dêles usam brincos de pérola, ou ainda, do lado esquerdo, uma palha de palmeira enrolada.

Entre os mais idosos, encontram-se ainda alguns que usam uma placa de madeira, de diâmetro variável, pintada de vermelho e prêto, no lábio inferior. Esse ornato proeminente, sem dúvida incômodo, chama-se "akokako".

Um certo número de indivíduos usam estôjo peniano de palha de palmeira; mas as jovens gerações parecem preferir o uso das calças. Neste caso, usam, em geral, um cordão apertado na cintura.

Finalmente, apresentam tatuagens com jenipapo (moroti) e urucu, porém mais sôbriamente do que as mulheres e as crianças.

As *mulheres* ("mênirê") não usam nada, excepto as tatuagens (ôk). Para elas, o nudismo integral parece ser de rigor. Nenhuma jóia, nenhum enfeite. Como os homens, usam cabelos compridos ou cortados pelo pescoço, e, naturalmente, têm a frente da testa e as sobrancelhas raspadas. O rosto é muitas vezes completamente pintado de vermelho, bem como os pés até encima dos tornozelos; o corpo é parcial ou inteiramente pintado de preto com jenipapo. Deve-se reconhecer que a pintura as cobre realmente. Corpos cilíndricos, seios flácidos, rostos rudes, são robustas e despidas de graça.

Tanto os homens como as mulheres, fumam o cachimbo indígena, "waricoco".

As crianças ("méprirê") são numerosas e vivas. Os índios tratam-nas muito bem e nunca batem nelas, ao contrário, cercam-nas de cuidados.

Desde o nascimento, o bebê conhece o uso das tintas vegetais. As suas orelhas são furadas (o furo chama-se "ikrêkrê") e em cada furo se introduz um pedacinho de madeira pintada com urucu (ikrekako), destinada a alargar a abertura feita na cartilagem. Existem modelos cada vez maiores, até o tamanho de um pião.

A mãe carrega o filho pequeno sobre a anca esquerda, sustentado por uma faixa de palmeira trançada, passando pelo ombro direito ("ai"). Às vezes, a criança é carregada nas costas; então, o "ai" passa pela testa da mãe. Artisticamente trançada pelos homens, essa "écharpe" é muitas vezes tingida com urucu e ornada de plumas.

A *menina* é tatuada da cabeça aos pés.

Estendida de costas ou de bruços, ela se presta de boa vontade a essas sessões, que duram horas inteiras. Armada de um fino pincel, que mergulha na cabaça de jenipapo esmagado, a mãe desenha com firmeza os motivos variados que vão decorar o corpo da filhinha. Põe nisso todo o seu talento e amor, e o resultado é sensacional.

O topo da raspagem é ornado com um toque de urucu, os bordos são envernizados e cercados de um motivo geométrico, feito com jenipapo. O rosto é largamente pintado de urucu e muitas vezes retângulos ou losangos negros decoram as faces. Pés e tornozelos são embebidos em urucu até o meio da perna. Quanto ao resto do corpo, a maior fantasia é permitida. As jóias são as mesmas usadas para os meninos.

Com uma meada de algodão grená, à guisa de "écharpe", sobre o ombro direito, a menina está pronta para a dança.

O *menino* ("mémônia") pinta-se mais sóbriamente que a menina. Mas é ainda mais recoberto de jóias que ela. Existem termos apropriados para cada um desses ornamentos. Ele usa i-ocorá e rosto vermelho. Os seus brincos são de pérolas, brancas e vermelhas, e chamam-se "okrekamanhó". Às vezes, o lábio inferior foi furado e apresenta algumas pérolas penduradas, prêsas ao interior da gengiva por um botão, bem contra os dentes. Esse ornato é designado pelo vocábulo "akokamanhó". O pescoço traz, por vezes, um belo colar de conchas ou de dentes de animal: é o "onkrêdié".

Os braceletes de pérolas brancas e vermelhas raramente faltam. Em primeiro lugar, em redor do braço, o "padié", e em redor do pulso, o "inoicamanhó". Por fim, duas ligas de algodão tingidas com urucu envolvem a perna, uma abaixo do joelho, a outra acima do tornozelo. Uma e outra chamam-se "tecamp'uru".

Assinalemos, ao terminar, que a partir da puberdade o menino usa o estôjo peniano ou um "short".

Quando perdem um parente próximo, os Kuben Kran Ken usam luto durante seis meses. Nesse espaço de tempo, não recorrem mais às tinturas vegetais, nem às jóias, nem cortam os cabelos. Vivem numa semi-reclusão, abstêm-se das danças e dos longos passeios. Falam o menos possível e só em voz moderada.

Tive ocasião de encontrar aqui um homem e uma mulher de luto. A sua pele clara e cabelos rasos me teriam feito duvidar que pertencessem à tribo, se José não me tivesse dado a explicação.

Vozes claras de crianças elevaram-se; na praça pública, as danças preparavam-se. Por enquanto, era apenas uma roda de meninas. Graciosamente tatuadas, a meada de algodão grená em "écharpe", cada uma com a mão direita no ombro direito da vizinha da esquerda. A fila ondulava e se movia para a direita com uma graça extraordinária. Os cantos eram límpidos e maravilhosamente ritmados. Eram dançarinas natas: que flexibilidade e que cadência! Tentei surpreender o movimento das pernas, executado com perfeição em conjunto. Quando os dois pés se aproximavam um do outro, o tempo forte marcava-se no pé direito, depois a perna esquerda passava obliquamente e com leveza por trás da perna direita;

apoiando-se então no pé esquerdo, a perna direita deslocava-se para a direita e o pé esquerdo se aproximava do pé direito. O passo executava-se em quatro tempos, na cadência do canto.

Logo uma fila de homens se formou por trás das meninas e as vozes graves acompanharam o som claro das vozes infantis. Os homens usavam um bastão ou uma arma no ombro e executavam o mesmo passo, com um efeito muito harmonioso.

A noite caíra e as máscaras fizeram a sua aparição. Dois índios, nos seus trajos de palha, percorreram a aldeia agitando uma cabaça em que chocalhavam algumas pedrinhas; de vez em quando, gritavam numa voz aguda e monótona.

José convidou-me para jantar. Para a circunstância, sua mulher pusera um vestido, que aliás lhe assentava muito mal. O pobre José estava confuso e não sabia como desculpar os maus modos dos selvagens. A refeição compunha-se de bananas cozidas e de um pedaço de tatu, que comi com prazer. Voltei à minha cabana depois das 9 horas. Apareceram ainda muitos curiosos que vinham ver-me ir para a cama. Custou-me pôr todo o mundo para fora a fim de deitar-me na minha rede. Ouvi ainda os cantos, noite adentro, depois adormeci.

A aldeia parecia dormir. A noite era frêscia, quase fria, mas vibrante como o canto dos insetos. Já não era o concerto das cigarras como em Marabá, mas a nota aguda dos grilos e o grito dos gafanhotos. Os índios haviam-se deitado em esteiras de palmeira, dentro das cabanas, cada casal, cada grupo em torno de uma fogueira. Compartilhavam esse costume com os índios Gaviões, mas estes últimos dormiam ao ar livre, na praça pública. Uns e outros dormiam nus, sem cobertas. Alguns repousavam em redes, mas era uma inovação devida ao comércio com os civilizados. Apenas os índios do grupo Tupi utilizam tradicionalmente a rede.

Os meus vizinhos tossiam muito; as bronquites eram frequentes e a tuberculose se desenvolvia. O ruído abafado dos cantos e danças chegava-me de nôvo. José me dissera que eles dançavam, às vezes, a noite toda. Pulci da minha rede e abri a porta. A claridade da lua envolveu-me, através da bruma que se estendera e velava o céu.

O ar estava embalsamado pelo cheiro do capim, mas o mato estava úmido de orvalho. Avancei para o centro da aldeia, animado pelas danças, e acorcori-me ao pé do fogo para me aquecer. Tentei seguir os cantos. Então, duas ve-

lhas acorcoraram-se à minha direita e à esquerda e iniciaram a minha educação musical, cuspidando-me as árias nos ouvidos com perseverança.

A aurora despontava e, pouco a pouco, a aldeia despertava. Voltei à minha cabana e esquentei-me no meu cobertor. Súbitamente, a cabeça de um índio enquadrou-se na janela; estava ainda gotejante do banho no riacho frio. Tinha um nariz enorme e horrível, quase inteiramente corroído pela doença, talvez a leishmaniose, ou úlcera de Bauru, ou ainda "doença das florestas", transmitida pela picada de um inseto. Vinha pedir assistência. Eu não tinha outra coisa senão um frasquinho de mercúrio-cromo. Embebi uma bolinha de algodão e passei pelas rachas nauseabundas do seu nariz. O índio parecia encantado e os seus olhos exprimiam gratidão.

Eu ia iniciar a minha toaleta pouco antes das 7 horas, quando uma multidão de homens, mulheres e crianças invadiram a sala. Eram os meus paroquianos, que queriam assistir à missa. Seria piedade? Mais provavelmente curiosidade ou mesmo uma ordem de José. Talvez fôsse a primeira missa desde a partida dos missionários. Existem três ou quatro pessoas batizadas, mas a ignorância religiosa é total e o próprio José jamais comungou. Improvisou uma breve alocução que José traduz a meu pedido. "Vamos rezar ao Pai do céu para os vivos e para os mortos da tribo, para os doentes, as crianças, e vamos pedir-lhe que nos mande a comida de cada dia, o peixe, a caça, o milho e a batata-doce. Que nos ajude a ter coragem e bondade uns com os outros." Eu ignorava tudo das suas idéias e sentimentos religiosos, mas me parece que eles compreendiam tudo obscuramente. Mostraram-se recolhidos, à sua maneira, e seguiram os meus gestos com atenção. As mães carregavam os seus bebês e davam-lhes de mamar; uns tosem, outros cospem, outros arrotam. O cheiro dos corpos e das tinturas vegetais sobe às narinas, pois estão todos nus, mas com tanta naturalidade! No momento, eles não têm complexos, contanto que José não lhes inculque alguns! De vez em quando, o murmúrio ampliava-se, então eu agitava a campainha e o murmurar desaparecia. Após o último Evangelho, cantei uma oração; eles aprovaram com calor: han! han! e, enquanto eu tiro os paramentos, vejo as crianças abrir os braços, juntando as mãos, levantando os olhos para o céu... Elas imitam o que acabam de ver e José me sussurra no ouvido que gostaria de ter um filho padre.

Pela manhã, acompanho José às cabanas para cuidar dos doentes. Infelizmente, a minha caixa de medicamentos ficou em Marabá. Há chagas infectadas, furúnculos, bubões supurados, cascão nas cabeças, placas na epiderme, uma imensa miséria suportada com a paciência dos que não têm nenhum recurso. A malária faz brilhar de febre os olhos amarelados, a tosse sacode os peitos, a verminose incha os ventres, de umbigo saliente. Cada qual vive com o seu mal, calmo e resignado, até morrer. Felizmente, pude levar de Conceição alguns comprimidos de resochina, que distribuo aos mais febris. Eles aceitam-nos dócilmente, virando a cabeça, abrem a boca e deixam cair os comprimidos na garganta, um após outro, como se larga uma pedrinha na superfície de um poço, e depois engolem precipitadamente um grande trago de água.

Na aldeia, cada qual cuida dos seus afazeres. As mulheres socam o milho, fiam o algodão ou cozinham. Os homens dedicam-se a trabalhos de cestaria: são hábeis em trançar um cesto de palmeira ou o "ai" que vai sustentar o próximo bebê. Perto da cabana de José existe uma casa comum, espécie de Casa do Povo, em que os homens, sobretudo, se reúnem para falar ou trabalhar em comum. Essa cabana está aberta do lado da praça, o que favorece os contactos com os passantes. A fabricação das flechas é interrompida pelas conversas. Fuma-se gravemente o cachimbo indígena, chamado "waricoco" e, por vezes, convidam-me a sentar no meio dos doutos da tribo. Infelizmente, a minha ignorância do dialeto limita muito as trocas, pois não tenho intérprete; José não frequenta a Casa do Povo. Examinam-me com cuidado, e o meu sistema piloso provoca o espanto. Compreendo que pasmem com as minhas sobrancelhas, que me devem tornar muito feio a seus olhos, pois olham-me com uma mescla de curiosidade, temor e nojo, o mesmo que as pessoas ditas civilizadas professam em geral em relação aos que se chamam selvagens.

Já assinalei que uma das ocupações favoritas das mulheres consiste em tatuar o dia todo o corpo de seus filhos. Um passatempo não menos apreciado reside na catação mútua dos piolhos ("niôré"), que são incontinentemente devorados com gulodice.

A construção de novas cabanas progride, bem como a de um sítio fechado por uma cerca de taquaras que servirá de jardim e de quintal. Já se criam porcos e galinhas.

Somente as crianças estão dispensadas do trabalho. A sua vida transcorre, desde o nascimento até o casamento, como férias maravilhosas, embora preenchidas por pequenas tarefas, tais como ir buscar água ou lenha, mas também entrecortadas de jogos e grandes lazeres.

José convidou-me a almoçar; sua esposa havia preparado bananas cozidas e batatas doces. Kup-Kup, filho de Nioiti, brincava com Poipretuc, o cachorrinho. Passei na sua cabana uma parte da tarde informando-me sobre os costumes e o dialeto da tribo.

Foi assim que ele me explicou que outrora os Kuben Kran Ken raspavam a cabeça com uma taquarinha rachada de comprido, chamada "poré", mas as lâminas "gillette" já haviam destronado a antiga navalha de pau e constituíam um presente apreciado. Linha, agulhas, alfinetes, fósforos, também faziam parte dos benefícios que o contacto com a civilização lhes proporcionava.

A conversa caíra sobre o fogo por fricção. Perguntei a José se o uso se conservava na tribo. Respondeu-me afirmativamente e indicou-me um índio da cabana vizinha, chamado Pré-o, capaz de satisfazer a minha curiosidade. Visitamo-lo e José traduziu o meu desejo, que formulei à antiga: "O meu irmão vermelho quer mostrar ao cara pálido como consegue fazer brotar a chama esfregando o pau?" Han, han!

E nos dirigimos ao rio, à procura de alguns pauzinhos bem secos. O índio escolhe galhos mortos de um arbusto de urucu (koprê), cuja folha em forma de coração lembra a da tília, mas é maior. De volta à aldeia, Pré-o faz alguns entalhos na extremidade de um dos pauzinhos que não tinha mais de um centímetro e meio de diâmetro, depois colocou-o no chão, segurando-o com o auxílio dos dedos do pé. A extremidade de um segundo pauzinho de um centímetro de diâmetro, em posição vertical, encastrou-se no entalho. Então, segurando esse eixo entre as palmas das mãos, o índio fê-lo girar rapidamente, esfregando as palmas e exercendo uma forte pressão de alto a baixo. Uma criança foi obrigada a segurar a extremidade do eixo por meio de um laço de palmeira, para que não saltasse fora do entalho. Alguns instantes depois desse exercício, várias vezes repetido, a fumaça elevou-se e a serragem preta começou a espalhar-se fora do entalho. O operador esforçava-se visivelmente, e duvido que um civilizado tivesse bastante força e habilidade para conseguir acender fogo por esse meio. Pessoalmente, utilizo

o arco e o laço de couro enrolado em torno do eixo e proponho-me revelar essa técnica na minha próxima viagem. Por fim, a brasa aglutinada, suficientemente quente, torna-se incandescente. Nesse momento, fazer brotar a chama é uma brincadeira. Mas o índio não teve a oportunidade de fazê-lo.

Um rumor levantou-se e toda a aldeia se pôs a correr ao encontro de três caçadores que traziam um cabrito montês. O animal foi cortado imediatamente, no meio da alegria geral, e José conseguiu um pedaço em minha honra.

Quando a noite caiu, os índios me pediram que cantasse e passei a noite com eles. No momento de me despedir, Pré-o aproximou-se e ofereceu-me de presente os quatro pauzinhos de urucu, graciosamente empacotados com folhas de palmeira. Em troca, fiz-lhe presente de uma caixa de fósforos.

No dia seguinte, pouco após o meu despertar, vi a cabeça do índio de nariz necrosado na janela. Veio todas as manhãs, ao sair do banho, com uma perseverança digna de melhor tratamento. Mas que podia eu fazer por ele?

Após a toaleta, celebrei a missa, à qual José Inácio assistiu. Depois, ele me levou a visitar os doentes, e passei a manhã fazendo curativos e distribuindo comprimidos de resochina e de atebrina.

Cinco homens, que haviam partido para a caça uns dias antes, voltaram com três catetos. As peles foram esticadas sobre paus e postas a secar no ar. O comércio das peles era um dos seus recursos; o preço de venda servia para comprar cartuchos. Mas o couro era barato e perdia todo valor se fosse furado por balas; era preciso visar a cabeça. A caça tornara-se escassa nos arredores da aldeia e eles eram obrigados a embrenhar-se longe, na floresta, a vários dias de marcha.

José me disse que um grupo bastante numeroso de homens partira para a caça. Dentro de alguns dias voltariam com muitas presas; então, fariam um grande festim e seria o fim da festa.

À tardinha decidi estrear a minha espingarda. A conselho de José, eu resolvera dá-la de presente ao segundo capitão, que ainda não possuía essa arma, mas eu me reservara o seu uso até à minha partida.

Formavam-se nuvens como de costume, acima das cascatas; o calor era forte e eu queria partir em trajes leves. Mas

assim eu me expunha às picadas dos borrachudos. Esses insetos vorazes não perdiam ocasião de sugar o sangue; os próprios índios não estavam livres de suas picadas, mas a sua pele escura, protegida por uma película de sujeira e de sucos vegetais, devia ser muito menos apetitosa do que a minha epiderme de civilizado. Contrariamente aos mosquitos comuns, os borrachudos, chamados "pium" no Norte do Brasil, e "puré" em dialeto KKK, nascem unicamente nas águas correntes. As suas larvas fixam-se às pedras ou à vegetação por meio de fios de seda e sabem mover-se no meio das correntes mais fortes por meio de ventosas. Transformam-se em ninfas tecendo um casulo aberto em cima, do qual emergem somente os filamentos destinados à respiração. Finalmente, os borrachudos adultos nascem sob a água e emergem à tona sem se molhar. Pululam, sobretudo, nas proximidades das águas correntes e das cachoeiras.

Felizmente, da minha bagagem constava um frasco de "Repelex", líquido oleoso cujo cheiro forte tem a virtude de afastar os insetos. Esfreguei as pernas, os braços, as mãos, o rosto e o pescoço; e, trajando apenas um "short" e uma camisa, calçado de sandálias e com a cabeça coberta por um grande chapéu de palha, parti para a floresta próxima do rio, levando a minha espingarda e dois cartuchos.

Oh milagre! A sarabanda dos hematófagos envolvia-me mas não pousava na minha pele. Por vezes, entretanto, um borrachudo mais atrevido encostava um instante nos meus tornozelos mas voava logo sem procurar picar-me. Ganhei a orla da floresta e segui algum tempo a senda. O calor estava abafado, nenhuma caça em vista. O "Repelex" parecia menos eficaz à medida em que o tempo passava. Dei meia volta; nuvens sombrias amontoavam-se ao leste. Ao sair da floresta, avistei um magnífico ninho de cupins e tomei-o como alvo, a 25 metros. O tiro partiu e lançou o formigueiro pelos ares. Examinei os pontos de choque dos chumbos e, satisfeito, prossegui o meu caminho.

A tempestade já roncava e ouvi logo a chuva crepitar nas folhas, do outro lado da aldeia. Tirei a camisa, enrolei-a e abriguei-a no fundo do chapéu. A cortina de chuva avançava rapidamente e a carga forte caiu sobre mim. Ofereci o corpo à ducha benfazeja e chafurdei no caminho, já transformado em riacho, onde saltava uma rãzinha de coxas vermelhas. Atravessei a aldeia naqueles trajes, com grande escândalo de José, e cheguei à minha cabana para trocar de roupa.

Deitei-me cedo naquela noite. Em frente às cabanas, na areia lavada mas já seca, os pés dos dançarinos ritmavam o seu passo à cadência dos cantos.

Os dias transcorriam depressa.

Não me cansei de ouvir os seus cantos, nem de admirar as suas danças. Eles tinham o ritmo no sangue. Por vezes, eu me levantava, de noite, para tomar alguns "flashes" na aldeia, onde pequenos grupos de homens e de mulheres se revezavam. Era a época da lua-cheia e a sua luz azulada refletia-se nos corpos pintados, acentuando a graça dos seus movimentos.

As minhas relações com o capitão Tikiri, meu vizinho, haviam-se deteriorado. Ele se aproveitara da minha ausência para inspecionar indiscretamente as minhas coisas, esgaravatar nos meus bolsos e até na minha carteira. Eu resolvera então fechar a porta de comunicação entre a peça que ele ocupava e a minha. Várias vezes tentara ele obter outros presentes. Mas eu entregara a José, desde o primeiro dia, a linha de "nylon", os anzóis, as correntes e braceletes que trouxera para eles. Só me restavam os meus objetos de uso pessoal e provisões de viagem. Vendo que ele não conseguia nada do que desejava, o cacique precipitara as coisas. Uma manhã entrara sem autorização no meu quarto e sem me dirigir uma palavra tirara rapidamente alguns objetos que lhe pertenciam. Depois, ele e a família desapareceram misteriosamente.

Eu soube que partira para a roça, a dois dias de marcha. Era lá que eles cultivavam o milho índio, batatas doces, mandioca, ou cortavam cachos de bananas. Havia sempre uma parte da tribo na roça, como sempre havia um grupo de homens caçando.

O meu outro vizinho chamava-se José Curico. O seu quarto não se comunicava com o meu. Ele vivia com a mulher e o filho. Também viajara a serviço do SPI e falava um pouco o português. Oferecera hospitalidade a uma moça que dera à luz um menino três dias após a minha chegada. Segundo o costume, ela fôra parir na floresta, assistida por outra mulher. A criança parecia fraca e, a pedido da mãe, transmitido por José Curico, eu a batizara. Era amamentada pela mãe, mas eu soube que seria criada por outra mulher, a madrinha ou mãe de criação. Era também o costume.

As minhas relações com José Curico eram excelentes. Ele me trazia espontaneamente lenha seca para acender o

fogo em que eu cozinhava o meu mingau de "Nescao", e eu lhe prestava alguns serviços. Um dia, José Curico voltara da caça com um tatuão. No mesmo instante, o animal fôra esfolado e cortado. Depois, acendemos um fogo de gravetos, recobertos de pedras chatas. Uma vez o fogo apagado, uma camada de pedras quentes foi colocada no chão, depois os pedaços de carne, envoltos em largas folhas de bananeira, foram depositados sobre as pedras e recobertos de outras pedras quentíssimas. Por fim, folhas verdes de mamona guardaram tudo e colocaram uma boa camada de terra sobre elas. O cozimento durou cerca de duas horas. Era o seu processo. Um pedaço de tatu foi-me oferecido.

Os meus dois vizinhos estavam lá provisoriamente, aguardando que fôsse construída a sua própria cabana.

A cabana típica dos Kuben Kran Ken é comprida e baixa, em forma de casamata. É preciso abaixar-se para entrar nelas. Um homem mal pode manter-se em pé no centro. Mas José Caiapô lhes havia ensinado a construir cabanas altas e largas, de folhas de palmeira, segundo o modelo da terra. Várias estavam ainda em obras e só restavam quatro cabanas típicas, que deviam desaparecer em breve.

Com os índios viviam muitos animais domésticos, a começar pelos inúmeros cães sarnentos, acostumados aos pontapés. Os gatos eram substituídos pelos coatis, de cauda enrolada, e alguns macacos. O teto era habitado por araras, vermelhas ou azuis, papagaios e periquitos, cujos gritos ecoavam o dia todo.

Dentro, a mobília era sumária, mas muitos objetos eram puramente ornamentais, como umas frutas pretas semelhantes a cabaças redondas, encaixadas numa cúpula de palmeira trançada, "koité", e com motivos decorativos gravados.

Os objetos mais usuais são confeccionados com cuidado e enfeitados de plumas azuis, amarelas e vermelhas. É notável a destreza e gosto do índio em qualquer dos seus trabalhos. O fabrico dos arcos e flechas já é uma arte complexa. As flechas constituem-se de duas partes, uma haste de bambu, ou taquara, prolongada por uma varinha com ponta, "marsubá". A haste de taquara, que tem em média 1m40 de comprimento, é endireitada ao calor do fogo. Uma vareta flexível, de cerca de 50 cm, é adaptada à parte superior; o encaixe é cuidadosamente recoberto por uma ligadura de fina casca escura chamada nambê. Uma ranhura oblíqua, na extremidade dessas varetas, serve para nela encaixar-se a pon-

ta de osso de anta ou de macaco, a qual, assim colocada, forma um arpão. O osso é mantido por uma forte ligação de barbante de algodão, untada com uma mescla de cêra de abelha, resina e carvão. Um verniz vermelho recobre a extremidade da vareta. Quanto ao cabo, é feito de plumas de gavião ou de arara e fixado com o auxílio de ligaduras de cordel de algodão, por vezes ornado de penugem colorida. O comprimento total de uma flecha é, em média, de 1m90. Quanto ao arco, ornado também de plumas de cores coloridas e de ligaduras tingidas com urucu, a sua altura vai de 1m80 a 2 m.

Não sei se José apreciava a arte de sua tribo, mas haviam conseguido inculcar-lhe o horror das pinturas e jóias e ele havia proibido o seu uso à mulher. Ele próprio, em sua pessoa, em nada diferia dos caboclos do norte do Brasil e era perfeitamente banal. Mandara costurar as orelhas no hospital. Tive a impressão que o uso de discos de madeira no lábio inferior ofendia mais, a seus olhos, a decência do que a estética. O seu sonho era ensinar os seus irmãos de raça a viver como cristãos, mas para ele êsse termo evocava um tipo de civilização, precisamente o dos caboclos. Assim, ensinara êle à sua tribo a construir casas cristãs, e quando parti deu-me três cachimbos índios para que eu os trocasse por "cachimbos cristãos".

Durante a sua estada, a tribo aumentou de três membros: dois rapazes e uma menina, e os ventres generosos anunciavam próximos e numerosos nascimentos. Entre os índios, o casamento é precoce e as maternidades são numerosas. Assim, a aldeia vivia animada pelos gritos e brinquedos das crianças, as suas mímicas e intonações, iguais aos de tôdas as crianças pelo mundo afora. Os meninos organizavam grandes jogos em bando, e se entretinham treinando com arco e flecha; a maioria dedicava-se à pesca e todos sabiam nadar muito bem. Como êles nada têm a fazer durante o dia, acompanhavam-me freqüentemente e tínhamos ficado amigos. Êles esperavam presentinhos e quando obtinham um alfinete de pressão transformavam-no imediatamente num brinco muito apreciado. As ampolas do "flash" que eu punha fora após uso, eram muito cobigadas. Iniciei-me com êles na língua da tribo. Êles manifestavam a sua aprovação dizendo: "Han, han!", ou entreabriam a bôca e aspiravam bruscamente um gole de ar. À noite, acompanhavam-me à minha cabana e despediam-se exclamando em côro, segundo o costume: "A noite chegou."

Na quinta-feira, depois da minha chegada, voltando eu de um passeio cerca das 6 horas da tarde, avistei um bando

de rapazes entre 12 e 16 anos, alinhando-se com um ar decidido. Por ordem de Niopré, o capitão, partiram para o rio em fila, e vi homens e mulheres sair precipitadamente das cabanas e lançar-se em pôs dêles.

José estava na soleira da sua cabana e não parecia interessado pelo fato. "Para onde vão êles, José?" A sua resposta demorou e percebi alguma reticência. "Vão destruir o ninho de marimbondo", articulou por fim. Eu assistira, na semana anterior, em Conceição, à destruição de um ninho de marimbondos pelo fogo, ao cair da tarde, e julguei que se tratasse disso. Todavia, ainda era muito cedo. Interroguei de nôvo José e obtive esta resposta: "Querem ver se êles são corajosos como homens." Bruscamente, compreendi: eu ia assistir a uma cerimônia de iniciação dos rapazes. A multidão chegara à beira do rio, perto de uma árvore em que os marimbondos haviam construído o seu ninho. Dois rapazes de 13 ou 14 anos foram escolhidos. O primeiro avançou e trepou àgilmente na árvore, e depois, chegando a uma boa altura, estendeu o braço e sacudiu corajosamente o ninho, que caiu no chão. O enxame zumbindo envolveu-o e picou-o. Eu o vi descer prestamente e passar correndo, em direção à aldeia: esfregava a cabeça e dorso. Depois, foi a vez do segundo. Ambos deviam estar terrivelmente picados; iam ficar inchados e com febre. Mas eu não tornei a vê-los. Por hoje, a prova terminara; homens e mulheres retornaram à aldeia com ar muito satisfeito, salvo talvez os dois heróis.

Para encerrar a festa, fiz uma pequena exibição de laço na praça pública. Rapazes e meninas, intrigados, formavam um círculo, a boa distância. O laço girou e partiu silvando; eu visara ao acaso no meio dêles. Uma menina, apanhada pelo pescoço foi tomada de espanto e fugiu assustada, de corda no pescoço, com risco de se estrangular e ficar em má postura. Os rapazes morriam de rir, achando a coisa muito engraçada. Por sua vez, serviram-me de alvo; agrupavam-se em três ou quatro e quando o laço se fechava em tórno dêles, puxavam com tôdas as fôrças para arrastar-me e pareciam divertir-se prodigiosamente. Depois, vieram outros exercícios; tôda a aldeia estava na porta, de bôca aberta. Quando terminei, alguns índios aproximaram-se e examinaram o laço com grande atenção, esforçando-se por penetrar o segrêdo que havia presidido à confecção do nó.

No dia seguinte parti para visitar as cachoeiras. Segui um atalho que se dirigia em linha reta para o norte, no eixo da aldeia. A paisagem era deslumbrante. Campos cobertos

de arbustos e floridos de orquídeas estendiam-se ao longe, cercados de colinas com bosques, além dos rios; por um pouco parecia a ilha de França. Segui o caminho até o fim. Terminava na confluência de dois rios que, mal se uniam, desapareciam num abismo. A cascata devia ser magnífica, mas para vê-la era preciso atravessar os rios. José me dissera que aquela queda era a mais alta e que os peixes não podiam subir por ela; de modo que a montante só se encontravam peixinhos minúsculos. Descobri uma agradável prainha de areia, à sombra de grandes árvores, e tomei banho. Depois, subi à margem direita do Riozinho em direção à aldeia e cheguei à cachoeira, a segunda a partir da aldeia. Um rápido separava as duas quedas de água; no meio da corrente, empoeirada numa rocha vermelha, uma ave preta, do tamanho de uma garça, montava guarda, solitária, com o longo bico amarelo virado alternadamente para jusante e para montante.

O sol estava no zênite quando cheguei à primeira cascata: era tão bela que caí na risada. Fiquei a contemplá-la e surpreendi-me desejando que o avião atrasasse até à semana seguinte.

Havia alguns dias que um cheiro de animal morto fluía em torno da minha cabana e, finalmente, descobri, a 5 metros da minha porta, numa sebe, um cão em decomposição, coberto de esteiras velhas. Era o cão de José Curico, desaparecido pouco após a minha chegada. Quem o matou? Quem o colocou naquele lugar? Eu era capaz de apostar que se tratava de um último presente do cacique descontente, antes da sua partida para a roça.

Chegou o sábado. Era preciso preparar-me para uma partida eventual, pois o "Bete" podia surgir de um momento para outro.

Mais uma vez arrumei a bagagem e fechei a minha sacola. José Inácio fizera um pacote de quatro peles de cateto e de uma pele de cabrito montês, que eu devia vender em Conceição, e escrevera uma lista de objetos para eu comprar em troca. Eu não tinha ilusões; para satisfazer aos seus pedidos eu teria de pagar três vezes o preço das peles. Mas levei um pacote de flechas e um arco em troca da espingarda que deixei ao capitão Niopré. José Curico me dera também um belo arco e uma lança, em troca de uma malha e de uma camisa, e eu levava também um soberbo colar de dentes de cateto e outro de plumas de arara, em troca de outros presentes.

Entretanto, a manhã transcorreu e não veio o avião. De tarde, a mesma coisa. Eu não ousava afastar-me da aldeia.

Domingo da Septuagésima (18 de fevereiro) celebrei missa às 7h45". No início, a assistência compunha-se de José Curico, a mulher e o filho. Mas aumentou logo com um grupo de homens e moços. José Inácio não veio. Ele tinha um calendário que se esforçava por manter em dia, mas lhe acontecia esquecer ou enganar-se e eu confesso que sem o meu breviário eu teria logo perdido pé.

À noite, fui convidado pelos homens a participar das danças, e devo dizer modestamente que não me saí muito mal. Em seguida, fui convidado pelo capitão a sentar-me na porta de sua cabana e a cantar.

Segunda-feira de manhã, José Curico veio despedir-se; por sua vez, partia para a roça durante uma semana. A aldeia esvaziara-se de uma parte dos homens e dos moços. Aproveitei para fotografar objetos usuais. Visitei igualmente os doentes em companhia de José, a fim de tentar levar a Conceição os mais graves. Havia uma mulher com uma febre constante, anêmica e com fortes dores abdominais, mas o marido não a deixou partir. Tentei igualmente decidir o índio com úlcera no nariz, mas em vão. Finalmente, concordaram que eu levaria o rapazinho coberto de abscessos.

No fim da tarde percebi o ruído de um motor. Era um avião a jacto que passava muito alto.

Na quarta, eu já não esperava o "Bete" senão no fim da semana. A manhã fôra muito quente e a tempestade enegrossava. Às 13 horas rebentou, e uma chuva torrencial caiu sobre nós. Eu fazia a sesta na minha rêde, quando vi uma das paredes da minha cabana, a exposta à chuva, partir-se de alto a baixo e começar a ruir. Baratas, aranhas, escaparam da fenda, enquanto uma cobra negra, presa junto ao fôrro, contorcera-se dardejando a língua.

Era um claro convite à partida.

Às 14h30, o ruído de um motor me fez saltar da rêde. Um avião passou, dirigindo-se para o oeste.

Alguns minutos depois, nôvo ruído de motor. Um avião descrevia um círculo acima das nossas cabeças: desta vez, era o "Bete".

Só tive tempo de atravessar a aldeia; o aparelho já estava no chão, rodeado de índios carregados de seus pacotes de flechas.

Um homem surgiu na porta da cabina: era o major Drummond. Logo se desculpou: não pudera vir antes e se preocupara muito comigo. Tranquillizei-o logo: a minha estada fora tão agradável quanto possível e eu não o esperava senão no fim da semana.

O "Bete" não voltava naquele dia para Conceição. Ia para o outro lado do Xingu, no Pôsto Cachimbo, que pedia socorro; conduzia vários homens. "Voltarei provavelmente amanhã cedo, disse-me o major Drummond. Fique pronto."

Voltei à minha cabana e comecei os preparativos de partida. Só me restavam algumas horas aqui e isso me parecia estranho. Contemplei aquêle horizonte já familiar, ouvi o barulho da cascata e o grito dos pássaros, respirei aquêles perfumes selvagens que aprendera a amar. Não ouvirei mais os cantos ritmando a dança, não verei mais as rondas graciosas ao luar. Era como o fim de um sonho.

A aurora da quinta-feira chegara. Pela primeira vez, deixo de celebrar a missa, pois o avião pode sobrevir a qualquer momento. A minha rêde é despregada da trave central, em frente à parede fendida em 20 centímetros e que uma chuva próxima vai talvez derrubar. Tudo está pronto.

Um motor ronca acima da aldeia. São 9h30. É ele.

Procuro em vão o rapaz que eu devia levar a Conceição. Não quis vir, escondeu-se. Em seu lugar sobe uma índia, cujo filho nasceu há poucos dias; em companhia do marido, ela vai passar algum tempo na aldeia dos Gorotidés, talvez visitar alguns parentes.

As bagagens empilham-se na cabina. Faço um rápido inventário: não falta nada. O motor já está em movimento. Esqueci de me despedir de José Inácio. O avião corre e decola.

No momento de deixá-los, eu me interrogo: Que lhes dei? Muito pouco. Há um mês ignorava, até, a sua própria existência, mas hoje eles entraram na minha vida e posso ser uma voz para clamar os seus direitos à face do mundo. O direito de sua raça em conservar o seu lugar ao sol. O direito de ser respeitada em seu corpo e em sua alma e de viver em liberdade. O direito de receber a boa nova prometida a tôdas as criaturas.

A minha volta encontrarei Irmã Violeta, que é médica, e lhe direi o que vi aqui: os corpos infectados, queimados pela

febre. Sei que em abril ela irá a Conceição; em maio, estou certo, virá até cá visitá-los, cuidar dêles, curá-los.

A jovem mãe senta-se na poltrona de couro. Está nua e ninguém se surpreende. Contra o peito, aperta o filho recém-nascido envolto num pedaço de pano vermelho. Nenhuma inquietude no seu rosto quando o avião gira sôbre a asa; o meu olhar encontra o seu e ela sorri.

Pela janelinha, avisto as cabanas, que vão se reduzindo e são engolidas pela floresta imensa.

Desta vez, missão terminada.

RAYMON CARON

